

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Aquelas da Esquina: Diferença Sexual e Cartografia da *ReXistência*

*Las de la Esquina: Diferencia Sexual y Cartografía de
la ReXistencia*

*Those around the Corner: Sexual Difference and the
Cartography of ReXistence*

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja
Instituto Federal do Pará - Brasil
wallace.pantoja@ifpa.edu.br

Como citar este artigo:

PANTOJA, Wallace Wagner Rodrigues. Aquelas da Esquina: Diferença Sexual e Cartografia da *ReXistência*. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 96 - 112, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Aquelas da Esquina: Diferença Sexual e Cartografia da *reXistência*

Las de la Esquina: Diferencia Sexual y Cartografía de la reXistencia

Those around the Corner: Sexual Difference and the Cartography of reXistence

Resumo

O ensaio se aproxima das relações generificadas da diferença sexual e de seus efeitos insuspeitos no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Belém. Escrito em primeira pessoa, expõe vivências do professor/pesquisador e situações compartilhadas, vislumbrando mapas corporificados que gritam as violências não enfrentadas em termos institucionais. Em diálogo com teóricos/as feministas e queer, busco expor pontos cardiais sexistas e propor uma alternativa centrada na politização dos corpos prostituídos – e destituídos. A conclusão vislumbra o enquadramento mutilador de um mapa padronizador, que projeta futuros fechados dos estudantes/professores/técnicos que experimentam reduzida diversidade; porém, é também um convite à re-imaginação – por um processo de rebelião – de outra cartografia coletiva, uma cartografia da *reXistência*.

Palavras-Chave: Mapas da orientação sexual; Desorientação geográfica; Corpo e corporeidade; LGBTQIAPN+; Fenomenologia *queer*.

Resumen

El ensayo aborda las relaciones de la diferencia sexual a partir del género y los efectos insospechados de eso en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Estado de Pará, en el Campus Belém. Escrito en primera persona, expone las vivencias del profesor/investigador y situaciones compartidas, vislumbrando mapas que gritan la violencia no enfrentada en términos institucionales. En diálogo con teóricas feministas y queer, busco exponer puntos cardinales sexistas y proponer una alternativa centrada en la politización de los cuerpos prostituidos – e indigentes–La conclusión vislumbra el marco mutilante de un mapa estandarizador que proyecta futuros cerrados de estudiantes/profesores/técnicos que experimentan una diversidad reducida; sin embargo, una invitación a reimaginar – a través de un proceso de rebelión – otra cartografía colectiva, una cartografía de la *reXistencia*.

Palabras-Clave: Mapas de orientación sexual; Desorientación geográfica; Cuerpo y corporalidad; LGBTQIAPN+; Fenomenología *queer*.

Abstract

The essay approaches the gendered relations of sexual difference and their unsuspected effects at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Pará, Belém Campus. Written in the first person, it exposes the teacher/researcher's experiences and shared situations, glimpsing embodied maps that shout out the violence not confronted at the level of the institution. In dialogue with feminist and queer theorists, I seek to expose sexist cardinal points and propose an alternative centered on the politicization of prostituted - and destitute - bodies. The conclusion exposes the mutilating framework of a standardizing map that projects limited futures for students/teachers/technicians who experience reduced diversity. However, it is also an invitation to reimagine - through a process of rebellion - another collective cartography, a cartography of *reXistence*.

Keywords: Sexual orientation maps; Geographical disorientation; Body and corporeality; LGBTQIAPN+; Queer phenomenology.

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja



Preâmbulo: “novos” muros

Certo dia, na turma de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Campus Belém, usei a palavra “bicha” para referir a mim mesmo: “Eu sou bicha”. Obviamente, todos/as sabem que sou gay e falo disso abertamente, só não saberiam se eu ficasse calado e parado – ainda que graus de passabilidade¹ se explicitem em minha corporeidade situada.

De pronto, um estudante retrucou: “Não use essa palavra, professor. Você não é bicha”.

Outro dia, na Direção de Ensino, em reunião com professores e chefes de departamento, reivindiquei junto a um dos chefes (assumidamente gay) que, como “bichas”, era central pensarmos ações de enfrentamento ao preconceito institucional.

Ele protestou: “professor, você não é bicha”.

Dois momentos corriqueiros. O estudante e o chefe departamental não estavam protestando contra eu ser gay ou – como preferem – homossexual. Ser “isso” não era um problema em si, nem mesmo advogar em favor de políticas de ingressos de pessoas assumidamente LGBTQIAPN+². O problema era eu “ser bicha” e, pior, acusarme bicha com orgulho de ser.

É como se um professor/pesquisador de graduação no IFPA, doutor, cisgênero, boa formação, na posição em que estão poucos “corpos assumidos” – o armário é obsessivo – não pudesse ser identificado com algo que soaria baixo, contaminante, abjeto³. “Bicha, bichinha...” desperta memórias dolorosas de desqualificação ao longo de nossa existência. Quantos de nós não escutamos o insulto vomitado em nossos corpos fraturados simbólica e, por vezes, fisicamente? Quantos não experimentaram a separação abissal que o insulto produzia?

Ser homossexual pode. Ser bicha, não.

A palavra opera um princípio de di-visão entre nós e de nós mesmos. Provoca, intuitivamente, a ereção do muro simbólico e, por isso mesmo, concretamente denso, que exige a posição corporal de luta ou fuga, estar em eterno alerta, sempre no fio da navalha. Eriça as conexões entre o simbólico da palavra – seus significados marcados na experiência cultural ordinária – e as emoções⁴ que se engarrafam em trincheiras de sentido labiríntico que sobem

1 A noção de passabilidade é plástica e fluida, porém, como aponta Pontes e Silva (2017, p. 407): “A passabilidade, implicada em uma performatividade de gênero, dispõe um conjunto de atos regulados e repetidos que asseguram uma imagem substancial de gênero no registro de uma matriz heterossexual e cisgênera”.

2 A sopa de letras revela os limites do ato de “nomear” como, ou, de algum modo, declarar a existência na diferença. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transgêneros, Queer, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e os demais corpos em coletivo não se adequam a uma padronização estrita que identifica a simetria entre sexo-gênero-desejo.

3 A emergência do corpo abjeto como categoria filosófica remete a uma processualidade que se sedimentou entre Douglas (1966) e Butler (2003 [1990]), passando fundamentalmente por Kristeva (1982), como bem pontua Oliveira (2020).

4 O que se aproxima do que González-Rey (2002, p. 168) categoriza como sentido subjetivo: “relação inseparável do emocional e o simbólico, onde um evoca ao outro sem ser a sua causa”.

ao infinito entre nós, em nós, no mundo.

Tripla di-visão. Coloca-nos do avesso, sem nenhuma reversibilidade da dobra – do abraço (Merleau-Ponty, 2012) –, porque o muro não permite o princípio salutar de imunização por exposição (Sloterdijk⁵, 2016), o "ser-juntos-com"⁶ bichas, registro corporal que deveria ser parte do cotidiano que somos. Além disso, tal di-visão expõe a nervura do princípio já bastante conhecido e eficaz para o propósito básico entre nós: o enquadramento mutilador.

A metáfora do armário, de espessura epistemológica incontornável (Sedwick, 2007), bem como a metáfora geográfica produtiva (Brown, 2000), são as mais óbvias aqui. Porém, é preciso abordar de outra maneira nossa experiência geográfica em situação-limite⁷ regional: o enquadramento mutilador pode ser um armário, mas também a muralha-canhão de um forte colonial, contra a qual é estilhaçado um corpo desorientador dos pontos cardeais fixos do mundo.

De fato, não é uma metáfora, aconteceu com o indígena tupinambá Tibira, por volta de 1604 – o primeiro assassinato documentado de uma “bicha” no Brasil Colônia, sob domínio francês no Maranhão (Evreux, 1929; Mott, 1995) – e continua a acontecer.

Quero propor uma "tensibilidade cartográfica" (Pantoja, 2018) entre os/as Tibiras além dos muros institucionais, nas esquinas, não raro na mira de canhões contemporâneos, e o contexto vivido no IFPA, para não ficarmos na escala unidimensional das bichas presas no armário.

A tensibilidade (tensão+sensibilidade) atravessa mapas vividos, relação entre concepção e grafismo, plano e processo, entre subjetividades e objetividades, narratividade que é, precisa ser, negociação do mundo experienciado-representado entre o Outro, o Exterior e Eu (Pantoja, 2018⁸).

As duas situações miúdas de recusa à palavra “bicha” como identificador de “eu/nós” exigem a problematização do tensionamento na carne em forma de mapas cotidianos, numa outra topografia das relações institucionais – ao menos circunscritas ao IFPA, já que a generalização para além dos contextos precisa ser mais cuidadosa do que o masculinismo científico eticamente

5 Pode soar teoricamente contraditório, mas li essa dimensão específica da imunização em Sloterdijk, embora não concordando que seja o princípio universal de lugar – em termos de habitação – e retirando algo do “purismo” binário próprio à sua concepção de *esferologia*. Seguramente a imunização por contato exterior é um princípio relacional importante no sentido delimitável em que: “Esferas são criações espaciais imunologicamente efetivas para seres extáticos sobre os quais opera o exterior” (Sloterdijk, 2016, p. 29).

6 Heidegger (2012) introduz um significado filosófico de constituição do espaço, porém é improvável que ele estivesse pensando no sentido que quero dar ao termo dentro desse debate. Afinal, Levinas (1980) critica esta centralidade do “Ser” na direção da “heterogeneidade radical do Outro”. Além disso, a força do termo tem um registro mais americano-indígena do que heideggeriano-levinasiano, específico de contextos interculturais, nos quais diferentes que estão juntos não necessariamente partilham do mesmo olhar cultural sobre os fenômenos do real (Briones, 2018). Todavia, não posso desdobrar o termo nos limites desse texto.

7 A referência é o conceito de Jaspers (1958), situação na qual não se pode divisar um possível após e não há planejamento ou superação, o fracasso é iminente e um convite ao exercício de compreensão, a morte é a situação-limite absoluta.

8 Inspirado na filosofia de Levinas (1980), na concepção de projeção de Libault (1967) e nas vivências em campo vicinal transamazônico, que resultaram em minha tese de doutorado.

descomprometido tende a operar –, a partir da seguinte pergunta: qual mapa traçamos quando as relações em espaços educativos ignoram a diferencialidade de gênero e diversidade sexual?

Metodologicamente, se quisermos entrar pela via da precisão e não do rigor, este ensaio é frágil, movido por reminiscências pessoais e partilha coletiva de experiências no IFPA, Campus Belém. Não tenho a oferecer mais do que os (des)encontros entre meu corpo próprio e a reflexão já em construção na Geografia Brasileira (e fora dela) de um aporte epistêmico e político acerca do gênero e da diversidade sexual.

Irei, no entanto, roubar um pouco do capital intelectual de Tuan (2012, p. 18), para quem as metodologias sempre são tópicos a se desconfiar, pois tendem a ser mais impressionantes do que os próprios resultados alcançados. Prometo menos, na esperança de cumprir mais com a pergunta norteadora de uma bicha e professor/pesquisador de instituição técnica e superior na urbe amazônica paraense. A primazia em ser bicha antes de professor/pesquisador vai na direção de uma ética nossa, afinal:

Que ninguém venha nos dizer quais estratégias, comportamentos, programas políticos ou atitudes éticas são mais adequados e convenientes para conseguir nossa meta ética primordial: a felicidade de nosso pequeno número de carentes, promíscuas, sem-teto, marginalizadas, perseguidas, torturadas, desocupadas, imobilizadas, despejadas, censuradas (Vidarte, 2019, p. 28).

Assumir uma posição dialógica com essa “Ética Bixa” (Vidarte, 2019) não pode ser realizada de maneira exterior, asséptica. O que me coloca numa posição estilhaçada/encruzilhada⁹, porque vivo dentro da instituição, acessando recursos que me alienam da precarização de muitas outras bichas, lésbicas, travestis, transexuais belenenses. Reconheço-me e me desconheço completamente nos/dos corpos de potência desorientadora da cartografia existencial binariamente padronizada, barrados pelo muro material-simbólico que separa a esquina da cidade no beco da luz e, ao mesmo tempo, outros corpos não barrados, orientados, direcionados aos corredores que, por reiteração historicista, selam um futuro determinado para homens/mulheres em educação técnica e superior.

Porém, justamente por tal estilhaçamento, é preciso lutar por uma ética que, não sendo de uma maioria, por tensionamento e sensibilização, re-com-figura a própria maioria, em termos de destino manifesto também carente de felicidade.

Inicialmente, questiono os mapas existenciais que emergem das relações encarnadas no espaço do IFPA, com enfoque na experiência de trânsito e permanência cíclica de “não hetero-machos¹⁰”; em seguida, tento atirar algumas coordenadas geográficas que se densificam como focos de disputa por “mapas *reXistenciais*”. Por fim, descrevo essas coordenadas em termos de projeção de futuro, no que diz respeito não só aos corpos LGBTQIAPN+, mas ao IFPA e seu papel geossocial, a ser cumprido para além de seus muros aprisionantes.

9 A encruzilhada é o único lugar que existe. “Não existem margens opostas. Estamos todos na encruzilhada” (Preciado, 2020, p. 30).

10 O termo não é dos melhores, mas capta o comportamento reiterado de ser homem e, portanto, com certos privilégios de generalização e franquia sobre o mundo, frente a outros gêneros, a partir das questões levantadas nas últimas décadas pelas teorias feministas e *queer*.



Enquadramentos Mutiladores em Mapas da Mesmice

No Campus, você não vai sentir, gratuitamente, aquele ódio explícito contra seu corpo bicha-professor – uma posição de privilégio amortecedora. Em geral, terá receptividade e acolhimento, respeito e profissionalismo educativo. Importante pontuar que a acolhida será mais enfática por parte das profissionais femininas dos serviços gerais, cuja generificação laboral e invisibilidade na própria reflexão sobre o ensino de Geografia, em espaços formais, é bastante reveladora de nosso elitismo insuspeito¹¹.

Assim, o mapa que se pronuncia é liso, amplo, total. Não haveria barreiras a desviar (salvo prediais, segmentação hierárquica de salas e funções marcadas). Há uma pretensa simetria entre plano e vida, carta e itinerário cotidiano, na escala de um para um (1:1), estabelecendo a ilusão fatal de que a área da planta do prédio – que ocupa o quarteirão inteiro entre as avenidas Almirante Barroso (entrada principal) e Rômulo Maiorana (muro dos fundos) e as ruas Timbó (entrada lateral para carros à direita) e Estrela (muro lateral à esquerda) – é aberta a todos os corpos.

Ilusão fatal porque sedutora e reiterada, desejada com afínco libertador por alguns ou moralismo da consciência cristã de outros. Entretanto, basta mudar o turno – entre manhã e noite, por exemplo – para que essa transparência se revele mentirosa.

Durante a noite, os corpos que mais circulam no campus são masculinizantes. Os jovens que vêm das quadras de esportes dos fundos para a saída frontal, os seguranças patrimoniais caminhando entre luz e penumbra, professores indo de uma sala à outra, alguém carregando uma cadeira barulhenta no corredor mal iluminado no terceiro andar do bloco de aulas.

Na Timbó, esquina com a Almirante Barroso, ao longo da noite, revezam-se travestis no trabalho da prostituição belenense. Aqui e ali, algumas oferecendo seus serviços – aparentemente sem muito sucesso – aos técnicos, professores, estudantes e trabalhadores terceirizados que saem de veículo das dependências do IFPA.

Os corpos femininos vão esmaecendo no Campus noturno, um fenômeno estudado por duas de minhas orientadas, Beatriz Campos e Gabriela Cardias (2023), buscando entender os espaços do medo no Campus Belém, utilizando um conceito que tentei anunciar na tese – focada nos processos de aprendizagem geográfica de assentamentos e comunidades vicinais entre os municípios de Anapu e Pacajá, na Transamazônica Paraense – e que ganhou tração interpretativa em pesquisas últimas: o "espaço fraturado".

A inexistência [em termos de exclusão absoluta do outro ao ponto de decretar que não existe simbólica, política e até fisicamente] não é um corte cirúrgico e cauterizado, não é a divisão homogênea entre pessoa e pessoa ou pessoa(s) e seus lugares de realização existencial. É por isso que uso o termo "fratura": despedaçamento, bordas dentadas, pedaços irregulares, interrupções abruptas, estilhaços dolorosos e

11 A observação é de Maria Malcher, professora e amiga do Colegiado de Geografia, em comunicação pessoal (07 de nov. 2023) durante uma defesa de TCC sobre experiências LGBTQIAPN+ no ensino.



negações violentas do outro e mesmo de si no "deixar de ser" de sua realidade espacial formativa [...] constrangimentos da subjetividade ou de seu exercício (Pantoja, 2018, p. 105).

O espaço fraturado carrega algo de metafórico, mas situa-se na vivência espacial imediata, uma interrupção da extensão que se subjetiva: o corredor no qual a iluminação vai até certo ponto e, depois, apenas breu para mulheres cuja experiência coletiva gera pânico do homem à espreita nas sombras (Campos; Cardias, 2023); o atulhamento de cadeiras que permite estreita passagem de continuidade incógnita; o círculo masculino fechado para qualquer corpo feminino ou não binário ao título de sua objetificação em imagens de controle (Collins, 2019); a única coordenadora mulher e negra entrando na reunião de homens brancos – um espaço leitoso de branquitude (Ahmed, 2007) – performando-se héteros, em seus modos sutis de destrata-la; a gritaria dos homens na sala pequena, supondo que há relação direta entre "histeria e verdade" enquanto a pedagoga, constrangida, diz mais para si do que para eles: “por que falam tão alto”?; a interdição da entrada em espaços ilusoriamente abertos pela avaliação rápida que as pessoas “normais” fazem sobre o corpo interseccional.

Aqui, a jovem despreocupada no laboratório altera toda a sua percepção do espaço imediato quando assediada moral e/ou sexualmente pela naturalização predatória do “hétero-macho”, em posição hierarquicamente superior. Ali, a professora se tranca em sua sala à noite quando escuta vozes no corredor por receio do que pode acontecer ao seu corpo, dentro do Campus. Acolá, uma servidora é convocada por um diretor para dialogar com o pequeno grupo de jovens gays afeminados porque ele não trata com “esse tipo de pessoa”.

As situações variam, mas explicitam uma experiência geográfica incontornável:

Fraturar o diálogo e a coexistência entre lugares [e corpos] quando esta é a condição para instituição do mundo como pensável fora de uma média; fomentar diluição da espessura sensível e vivida no lugar pela copresença e coexperiência ao ponto de suscitar nos que o coconstituem uma negação de si, não só buscar outro lugar, mas ser outro de si por constrangimentos variados (Pantoja, 2018, p. 383).

Tais constrangimentos geram desorientações geográficas que se “traduzem” em termos subjetivos, como ansiedade crônica, *burnout*, invenção de estratégias de contornamento ou simples negação de estar-junto-com, esconder-se de si mesmo e, no limite, aniquilação do *eu-porque-outro/a*. E além: pobreza criativa, alienação do entorno socioespacial e manutenção de um conservadorismo projetados ao futuro.

Itinerários são criados/barrados por fratura e não por coexistência, dispondo da mesma área lisa, porém, não da mesma "topografia que lugariza"¹² a realidade plural. As representações geradas na intrincada dinâmica de fraturas espaciais são reveladoras de como certos corpos estão para além da diversidade aceitável, corpos ausentes e até inexistentes na cartografia

12 Referência ao pensamento topográfico de Malpas (1999).

educativa do IFPA. Não constituem sequer objetos de um programa de ação (Raffestin, 1993), precisam ser enformados em um labirinto monossêmico e são sempre suspeitos de primeira ordem – as regras sobre fardas e comportamentos pesam mais sobre os corpos femininos e LGBTQIAPN+.

A mesmice reiterada provoca mapas padronizados de ordenação do que seria múltiplo nas trajetórias previstas e queridas de formação técnica e superior. Multiplicam o “mesmo” sem diferencialidade, apenas baixa diversidade: homem fardado, mulher fardada, homossexual aceitável... “bicha não!” (idoso não, surdo não, indígena não, travesti não...). A diferença é filtrada por esse plano enquadrador de caminhos bem definidos, transparentes, que mal conseguem esconder os vazamentos da crise de adoecimento desorientador que a pandemia veio escancarar.

Há alguns discentes idosos, surdos, indígenas e travestis no IFPA Campus Belém, mas, por sua excepcionalidade gritar alto demais, não se configuram nem mesmo como “cota”. Sua presença é, não raro, quase fantasmagórica, por pressões de movimentos/ativismos sociais e do Ministério Público. Devido à orientação geral que apaga esta diferença em favor de uma igualdade, tais grupos lidam com o “atendimento da maioria”, sob a violência e o desprezo de tecnologias, atitudes e pedagogias mínimas legalmente necessárias, como a falta de intérpretes para surdos/as, a despeito de todas as reivindicações organizadas interna e externamente, o que se justifica pelos “limites do orçamento”.

É uma crise que se estende à drenagem crônica de criatividade teórica, metodológica, estética. A rotinização, talvez, inescapável numa instituição como o IFPA, passa a servir de profecia autorrealizada para mantermos o mapa – não perdendo de vista que mapa é uma experiência de orientação geohistórica – da prática educativa mofada, precária em desafios e inventividades, o caminho abismal de como estudantes devem entrar/sair, coordenadas não só pré-definidas, mas insidiosamente demarcatórias dos limites do possível, com um cinza nostálgico de passado glorioso da “Escola Técnica” que mal disfarça o militarismo escroque.

Mutilador. Talvez seja exagero usar tal termo para esse mapa carcomido¹³ de orientação marcada que serve de matriz¹⁴ *ad nauseam* – inicia nos corredores e salas padronizados e avança na previsão de futuro submisso dos corpos que são registrados como população trabalhadora disciplinada de grau técnico e superior. A possível potência “do/a/e Outro/a/e”¹⁵ é diluída em um homem “hétero-estatístico médio”¹⁶, simetria falsa entre ambos, como já sabemos há tempos.

13 Surrupiei do conto de Borges (1982) sobre o rigor das ciências cartográficas.

14 Evoco a proposta de paisagem geográfica de Berque (1984).

15 Não se pode ignorar a marcação binária que faço uso ao longo do texto. De fato, penso que precisaremos reinventar novas palavras para que novas ideias não sejam assassinadas na disputa por libertar-se do “fazer discursivo” que nos procede e nos oblitera, porém, ainda tenho reservas – que bem podem ser dos itinerários enformadores de minha formação – sobre a solução encontrada para a evocação de uma neutralidade linguística.

16 Crédito a Benhur Pinós (comunicação pessoal, 10 jan. 2024) a proposição de pensar mais detidamente na explanação desse homem hétero-estatístico médio.

O homem é o homem-estatístico de que fala Moreira (2009), e mais além da crítica limitada ao geral-particular que pretende (2009, pp. 71-90). Pois o homem-estatístico dicotomizado da natureza, contado em forma de população, disponível como força de trabalho e consumidor, é a única singularidade merecedora de generalização linguística e rosto familiar (é hétero, vide o esforço dele para falar da reprodução sexuada e cálculo de recursos), distribuído e vivendo desigualmente sobre o planeta.

O geógrafo supõe que sua crítica desse "conceito de homem" é profunda, apartado da natureza e carente da revolução da práxis na ambientalização destrutiva do mundo da técnica-e-mercadoria. Porém, tal "conceito homem" que deveria, pela crítica dialética de Moreira (2009), ser refundado, ainda é um homem-médio, uma massa de baixa diversidade e fixada entre a particularidade e a generalidade, sem singularidade.

Ele reconhece que a Geografia generalista no sistema NaturezaHomem-Economia (NHE) ainda se mantém, tanto na pesquisa quanto no ensino da ciência, e configura um beco sem saída. Até lhe ocorre retomar a crítica de Lacoste sobre a Geografia mais parecer um armário de gavetas estanques (Lacoste Moreira, 2009, p. 124) e que o problema seja repensar o "conceito de homem" na contemporaneidade. Porém, sem observância em termos de gênero e diversidade sexual e, coerente com certa dialética materialista viúva de Luxemburgo, ele passa por cima das singularidades para (só) variar o discurso que quer criticar.

Quando propõe possibilidades espirais, acaba por extirpar simbolicamente – em sua desconsideração que engloba as diferenças no "Homem criticado" – mulheres, crianças, povos originários e corpos dissidentes do discurso do "Homem crítico". Parece acreditar que tais “entes” estariam mais fragmentando o saber numa tendência subjetivista do que contribuindo para um “ser” da Geografia. Quando critica “o homem atópico, [...] um ser que está, mas não consegue ser” (Moreira, 2009, p. 106), por mais que saibamos que ele queira totalizar a humanidade, nessa crítica ao "conceito de homem" é, ainda, um homem que ele procura – o discurso do avesso não rompe a simetria do espelho que quer ver um rosto indiviso.

Perspectivas feministas, indígenas, *queer* não são mencionadas sequer a título de nota de rodapé entre as possibilidades futuras da Geografia em sua epistemologia crítica. E nomeá-las/os genericamente, separadas/os por vírgulas (o que Moreira não faz), sem incorporá-las à proximidade ético-existencial quente, nada resolve. Não ocorre a Moreira que o problema pode não ser o "conceito de homem", mas o próprio Homem como único ser merecedor de carpintaria conceitual dos geógrafos.

Muitas bichas – e a primeira bicha amazônica, como já mencionamos – foram mutiladas ao longo da história em nome do Homem: o “Tibira”¹⁷, que nos precede como mártir, amarrado ao canhão colonial e explodido em

17 Em “1613: Indio tibira tupinambá del Maranhão es ejecutado como carne de cañón por orden de los frailes capuchinos franceses en São Luís, ‘para desinfestar esta tierra del pecado nefando’; es el primer homosexual condenado a muerte en Brasil” (Fernandes, 2014, p. 140). De fato, Tibira é mais que um indígena específico; representa toda uma categoria mística não binária que bagunçava as coordenadas binárias de gêneros nos territórios coloniais do Grão-Pará e Maranhão na Amazônia, recém-batizada pelo greco-cristianismo europeu.

pedaços, é signo absoluto da situação-limite que vivem os que não se enquadram nessa cartografia que decreta nossa inexistência.

Porém, não é exagero falar de mutilação se pensarmos que nossos modos de andar, falar, olhar, gestuar, pensar, imaginar, relacionar, tocar, sonhar, estão sobredeterminados por intencionalidades mil em uma instituição de ensino.

Lembro que, quando criança, talvez ali pelos onze ou doze anos, era sistematicamente acusado de “andar como mulher”, “rebolando”, “precisar me endireitar”, sobretudo na escola primária. Lembro da sensação tenebrosa de vergonha de algo que a mim era natural: andar. Lembro de ficar horas no espelho entortando-me para olhar como “andar direito”, porque andar direito era “andar como homem”. Lembro de não obter sucesso algum na performance caminhante entre meus colegas de escola. Então, mais de trinta anos depois, como professor orgulhoso de não mais ter que per-formatar meu andar e meu gostar, sou atingido com a censura escondida nas “brincadeiras” heterossexistas dos professores imitando como caminho pelos corredores do IFPA ou me puxando de canto para dizer – sempre sem nenhuma intenção além do coleguismo jocoso – diante de uma mulher bonita na fila de farmácia: “como não gostar?”.

Jogar dentro das quatro linhas (de fato, são duas, binarismo espelhado cerceador) desse mapa liso é um exercício de estilhaçamento de si e vergonha contida no ato, sempre falho, de se controlar. O mapa – essa representação performática da orientação de mundo – enfia-se dentro da pele por reiteração forçada do poder do mesmo no/a outro/a em mediações silenciosas¹⁸, naturalizadas. Não se enganem, há aí vontade de destruição desses corpos que são os nossos, se não destruição, enquadramento pedagógico mutilador, posto que sacudimos toda orientação de mundo com nossa simples presença encarnada e inarredável – eis nós, bichas, Tibiras, aqui!

Há uma solução de continuidade tortuosa entre os itinerários pré-definidos que expulsam ou des-veem a diferença sexual das instituições técnicas/superiores e a violência brutalizada perpetrada nas esquinas noturnas contra corpos não enquadrados nos pontos cardeais binários de gênero. É uma projeção-escala-simbologia, meta-geografismo que impõe orientações firmes no plano do real entre corpos situados. Afinal, toda orientação inicia no corpo ou, como definiu Husserl (*apud* Ahmed, 2014, tradução nossa): “o corpo é o ponto zero de toda a orientação [geográfica] e de onde se desdobra o horizonte do mundo”¹⁹.

Porém, precisamos interrogar que corpo é esse – não é universal, como pensaram os pais da fenomenologia. Ao afrontar um corpo-carta pretensioso em sua repetitividade garantida, o que irrompe nessa superfície aplainada que achata a todas/os?

18 Me aproximo do conceito de poder de B. Chul-Han (2019): continuidade do *self* no *alter*, extensão e subjetivação por mediações diversas.

19 Texto original: “[...] as the zero-point of orientation, the point from which the world unfolds, and which makes what is ‘there’ over ‘there’” (Husserl *apud* Ahmed, 2014).

Mapas ReXistenciais – carregando um pedaço do horizonte

Não trago nenhuma notícia das margens, mas um pedaço do horizonte [...]. Nós [...] somos os sobreviventes de uma tentativa sistemática e política de infanticídio: sobrevivemos a tentativa de matar em nós, quando ainda não éramos adultos e não podíamos nos defender, a multiplicidade radical da vida e o desejo de mudar o nome de todas as coisas.

(Paul Preciado, 2020, p. 28)

Preciado fala além da transsexualidade, explicita que não pode ceder à morte prematura imposta pela diversidade controlável, abraça o múltiplo e o desejo de mudar tudo o que é demarcado por qualquer taxinomia.

Radicalidade comovente da qual consigo me aproximar, mesmo não sendo transsexual. De fato, Preciado rejeita esse predicado. Porém, desconfio do ato de mudar todos os nomes – seja por não ser um corpo limítrofe da diferença sexual, seja porque desejo outras coisas além da pura mudança, ou ainda por me questionar se não estaríamos recombinação em pares absolutos a oposição entre performatividade e identidade, atirando esta no lixo da história.

O corpo emerge (ou reemerge) como categoria central do pensamento político contemporâneo. Entretanto, essa categoria não pode cair no abstracionismo conceitual que prolonga efeitos colonizadores dos imaginários. Por isso, permiti-me “dançar” entre situações dispersas na tentativa de reunir fragmentos heterogêneos e não coláveis, em uma descrição-narrativa²⁰ de horizontes mutiladores.

De dentro da muralha-canhão educativo-técnica-profissionalizante, tentei vislumbrar noções que, contextualmente, reverberam algo da radicalidade inegociável de Preciado (2020, p. 28): “É o capital e não a vida que se reproduz. Estas categorias [as demarcações de homossexualidade, heterossexualidade, transsexualidade, etc.] são o mapa imposto pelo poder, não o território da vida”.

Entretanto, não posso esquecer que entre meu corpo e, por exemplo, o corpo daquelas da esquina do IFPA, há um muro labiríntico denunciando meus privilégios e impedindo as tentativas de capturar vivências “d’Aquelas outras”, como uma franquia parasitada por minha formação desejosa de generalização, de totalização teórica e descuidado ético (Levinas, 1980). O que me põe – e, acredito, outros professores bichas/bixas – no entrelugar (Bhabha, 2013). Deslizantes entre um lado e outro do muro, esticados e pressionados, mas talvez essa condição paradoxal de não contidos, efetivamente, dentro de campos identitários definidos pode ser a localização tática de tensionamento carto-político.

Não tenho vontade de construir conceitos encapsuladores das vivências, ainda que flertando ideias com potencial de travestir-se em “conceitos suados” (“*sweaty concepts*”) como nos convida Ahmed (2014). A pensadora da

20 A ideia me veio lendo Ricouer (1994) em “Tempo e Narrativa”.

21 Texto original: “concepts that show the bodily work of their own creation, concepts that in coming from bodies return to them, allowing us to re-inhabit our worlds” (Ahmed, 2014, p. 25).

fenomenologia *queer* tece “conceitos que mostram o trabalho corporal de sua própria criação, conceitos que, partindo de corpos, a eles retornos, permitindo-nos reabitar nossos mundos” (Ahmed, 2014, p. 25, tradução nossa)²¹.

Reabitar nossos mundos contra quem nos categoriza, desde os princípios colonizantes, como “imundos” (Evreux, 1929, p. 274), contra um parcelamento de nós mesmos (e em nós) entre Tibiras do lado de lá e indígenas enquadrados do lado de cá dos muros-canhões. Fazer do estranhamento envergonhado uma força de saber localizador de focos de experimentação rebelde, gestos conceituais (re)orientadores, ética pluriversal debochada, não cedendo à baixa diversidade tolerável, mas batendo cabelo pela diferencialidade afrontosa.

O saber localizador de focos de rebeldia exige assumir uma Geografia menos prescritiva e mais criativa, que tome para si não só o discurso sobre o espaço, mas a carnalidade coexistente de abrigos-na-diferença. Desde tais abrigos, fissuras já em curso na muralha de autocontenção do Mesmo, é preciso criar passagem à transcendência, essa exterioridade indomável, exterioridade aglutinada no aparecer dos corpos travestis na esquina imediata que não entram no IFPA, mesmo com os portões abertos. Sem qualquer abrigo-passagem não achatado pelas coordenadas da reprodutibilidade servil de um tipo idealizado de estudante, professor, técnico, cidadão.

Ainda assim, com seu deboche para além dos muros, situados no limite que exige inventar outros paralelos e meridianos para *reXistir*, colocam-nos diante da geograficidade encarnada da diferença sexual que desorienta as gentes comportadas e conformadas intramuros.

É preciso aprender e cultivar o deboche (como prática educativa) desse afunilamento espacial da diferença na passagem da transcendência ao Mesmo institucionalizado. De um ideal de igualdade da maioria que escreve um universalismo de destino técnico-profissional, que discursa sem nenhum gesto quem deve e, sobretudo, quem (ou “isso”, imundo?) não deve habitar o nosso mundo.

Reabitar – ao menos tentar reabitar – instituições que nos diluem ou decretam nossa inexistência de maneira polidamente educada. Compartilho, como professor, essa vontade de potência (des)orientadora:

O que vem a vista, ou o que está no nosso horizonte, não é uma questão do que encontramos aqui ou lá, ou ainda onde nós nos encontramos, enquanto nos movemos aqui ou lá. O que é alcançável é, justamente, determinado por orientações que já recebemos. Ou poderíamos dizer que as orientações tratam das direções que tomamos que colocam algumas coisas, em detrimento de outras, em nosso alcance (Ahmed, 2014, p. 97, tradução nossa²²).

Orientar-se no mundo é, também, desdobrar o horizonte, realizar uma projeção. Movimentar-se e movimentar corpos humanos e mais-que-humanos

22 Texto original: “*What comes into view, or what is within our horizon, is not a matter of what we find here or there, or even where we find ourselves, as we move here, or there. What is reachable is determined precisely by orientations we have already taken. Or we could say that orientations are about the directions we take that put some things and not others in our reach*” (Ahmed, 2014, p. 97).

na tentativa de contornar, saltar, pichar, cuspir, martelar e atravessar o labirinto de significados culturais que nos aprisionam no Mesmo/a ou nos exilam como Outro/a. Derrubar trincheiras belicistas com pedaços de horizontes que carregamos em nossa vivência fissurada, vazada, entre.

Ainda estou iniciando uma aproximação das Travestis da Esquina – ou, como já escutei, num misto de curiosidade fascinada e receio disfarçado por parte de uma professora: “aquelas da esquina”; outros corpos, outras orientações geográficas. Minha suspeita é que, como integrantes do IFPA, precisamos muito mais delas do que elas de nós, a despeito de usarmos etiquetas simbólicas para defini-las por sua pura exterioridade sem subjetividade, desigualdade inferiorizante e historicidade superficializada por nossa ignorância²³: as prostitutas de esquina.

É claro, preciso interrogar se não há algo de fetichismo em querer “aquelas da esquina” produzindo itinerários ambíguos na relação interna ao IFPA, mais ainda: não estaria eu depositando nelas um tipo de salvacionismo da repetitividade mortificante? Inscrevendo esses corpos nas páginas classificatórias dos tipos exóticos que reafirmaria, por contraste, garantias momentâneas de identidades incoerentes de gênero²⁴? Tentando aplacar minha frustração de não conseguir realizar a topografia do impossível desde minha localização contraditória entrelugarizada?

Talvez haja um pouco disso tudo. Questionar nosso saber interessado de mundo é a única maneira de nos manter minimamente lúcidos para com os compromissos de educadores que transcendem o corpo próprio²⁵ (Merleau-Ponty, 1999), na direção da representação geopolítica perturbadora da multidão de corpos estranhados, ocupando o espaço protocolarmente diverso para plantar um ponto cardeal de não retorno: juntos-com na contingência contraditória da diferença.

Atirados/as nessa situação entre, vislumbro a exposição de nossa nervura inconfessada. Penso que a comunicabilidade encarnada sem escapismos institui um salto nas ações até o momento ousadas por nós – na aproximação estratégica entre professores, técnicos e estudantes LGBTQIAPN+ e professoras feministas²⁶ –, não apenas dentro dos muros do campus, mas intercampi: a) constituição do Núcleo de Gênero e Diversidade (NEGED), com participação de representações de movimentos sociais belenenses, incluindo o Movimento LGBT do Pará, cuja presidenta é a ativista pelos direitos trans, Bárbara Pastana; b) cotas para transsexuais/travestis; c) linhas de pesquisa voltadas ao aprofundamento teórico, metodológico e político das questões de gênero e diversidade sexual; d) eventos de interação via projetos de ensino e

23 De fato, estes são os fundamentos que articulam as imagens de controle, especificamente de controle das mulheres, segundo Patrícia Collins (2019).

24 É o que expõe Sedwick (2007) em favor da incoerência irremediável das produções históricas de identidade de gênero, o que não significa que podem ser destruídas pura e simplesmente, como parece querer Preciado (2020).

25 Não se confunde com o fisiológico/biológico e nem o reflexivo/analítico, é o corpo habitual como parte do mundo, em conexão ambígua entre enraizamento natural e feitura cultural (Merleau-Ponty, 1999).

26 Há poucos professores engajados fora desse espectro de “suspeitos/as de sempre”.

extensão que promovam ações na área de abrangência do IFPA Campus Belém, com ênfase no respeito às diferenças; e) orientação de trabalhos de conclusão de graduação e pós-graduação que articulam educação geográfica e experiências corporais dissidentes; f) inserção de mudanças de PPCs e disciplinas que encarem o debate de gênero e diversidade/diferença como central e não marginal e, até mesmo como já escutei, irrelevante e não-científico; g) apoio ao movimento emergente das discentes contra o assédio moral e sexual institucionalizado.

Porém, essas ações ainda não têm força de rebelião. A rebelião de Tibiras não-enquadradas/os deve principiar pela abertura dos muros institucionais ao entorno imediato – para “aquelas da esquina” –, conhecedoras de outra Geografia da cidade, potencialmente capazes de aniquilar qualquer vestígio de mesmidade conservadora, impondo pela presencialidade LGBTQIAPN+ novas semiologias não ruminantes e reimaginar escalas – além das gramáticas – que organizem não apenas os limites fechados do IFPA, mas “outra organização das formas de vida” (Preciado, 2020, p. 41), novos espaços por se reencontrar, exterioridades que recusam qualquer representação (auto)mutiladora, incomensuráveis, *im-com-possíveis*.

Por fim, Somos Tibiras do Além Muros

Pode parecer esquivo falar de cartografia e não apresentar nenhum mapa. O que pretendi não era inscrever representações dos caminhos a tomar, mas um “fundo de mapa” que amplifique as conexões entre orientação geográfica e orientação sexual²⁷ para desestabilização dos pontos cardeais da reprodutibilidade formativa do IFPA Campus Belém.

O enquadramento mutilador, o binarismo aplainador, a diversidade aceitável e o espaço fraturado coordenam uma matriz de sentido reconhecida e, de maneira geral, apoiada em uma lógica de escapismo da experiência da diferença na Geografia pouco criativa, que contamina insidiosamente todos os cantos do IFPA.

Vale ressaltar que essa matriz de orientação não é enfrentada porque gera resultados sexistas naturalizados, cumpre uma mediana de oferta e demanda mercadológica de corpos tecnicamente disponíveis, cuja rebeldia é um defeito esporádico.

A simetria entre plano e processo educativo é exposta em sua violência reprodutiva quando enfrentamos as diferenças generificadas – as situações que localizam a mesmice sexista que não só hierarquiza, mas abre caminho para assédios diversos e adoecimentos exponenciais provocados por um princípio de desorientação geográfica mutilante, cujo ponto zero é o corpo próprio.

Enfrentar a ilusão da simetria exige abrir a instituição para seu entorno imediato, as esquinas povoadas de corpos percebidos como contaminantes porque escancaram nossa recusa da diferença dialógica, nossa superficialização do/a Outro/a, nossa vontade sexista de imunização por separação do exterior. Corpos-em-coletivo que impõem o enfrentamento urgente de itinerários diversos ao IFPA, outras topografias da existência que,

27 Este é um caminho aprendido a partir de minha aproximação com as provocações de Sara Ahmed (2014), entre outros.

mais enfaticamente, cartografam possíveis *reXistências*, capazes de tracionar ações pontuais em curso na direção da multidão de corpos próprios agregados em uma nova imagem política – o entrelugar de onde novos pontos cardeais se projetam.

Desejo poder produzir saber, não só inspirado e em pensamento de sobrevoos sobre “aquelas da esquina”, mas irmanado, misturado e abrigado na homenagem eticamente comprometida “àquelas da esquina”.

Quem sabe essa projeção – ato de articular o que se concebe com o que se constrói em situação – inspira não a unificação distanciada e generalista que devora a diferença em baixa diversidade, mas um pedaço de horizonte onde muitos Tibiras diferenciais possam desdobrar-se em toda a sua criatividade (des)orientadora, sem que seus corpos, desde o interior das muralhas institucionais de educação técnica até as esquinas próximas e longínquas das Amazônias Colonizadas, sejam explodidos por, simplesmente, desejar ser-juntos-com.

Referências

AHMED, Sara. A phenomenology of whiteness. **Feminist Theory**, v. 8, n. 2, p.149-168, 2027. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1464700107078139>. Acesso em: 19 nov. 2023.

AHMED, Sara. Mixed orientations. **Subjectivity**, v. 7, n. 1, p. 92–109, 2014. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1057/sub.2013.22>. Acesso em: 19 de nov. 2023.

BERQUE, Augustin. Paysage-empreinte, paysage-matrice : éléments de problématique pour une géographie culturelle. **L'Espace géographique**, v. 13, n. 1, p. 33-34, 1984. Disponível em: www.persee.fr/doc/spgeo_0046-2497_1984_num_13_1_3890. Acesso em: 19 nov. 2023.

BHABHA, Homi Kharshedji. **O Local da Cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BORGES, Jorge Luis. **História universal da infâmia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1982.

BRIONES, Claudia. Interculturalidad y Patrimonialización através de campos minados: La invisibilización de escenificaciones del Ser Juntos siendo Otros. In: CROVETTO, G. D. (Ed.) **Antropología Contemporánea: intersecciones, encuentros y reflexiones desde el Sur Sur**. Temuco: Ediciones UCT, 2020. Disponível em: https://ediciones.uct.cl/content/uploads/2021/06/Antropologias_Contemporaneas_Interseccio.pdf. Acesso em: 19 nov. 2023.

BROWN, Michael P. **Closet Space**. Geographies of Metaphor from the Body to the Globe. London: Routledge, 2000.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da**



identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Beatriz; CARDIAS, Gabriela. **Espaços do medo e espaços de proteção**: as experiências dos corpos femininos no período noturno no IFPA - Campus Belém. TCC (Licenciatura em Geografia), Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Belém, 2023. 92 f. Disponível em: <https://repositorio.ifpa.edu.br/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DOUGLAS, Mary. **Purity and Danger**: an analysis of the concepts of pollution and taboo. Nova York: Routledge, 2001.

EVREUX, Yves. **Viagem ao norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria Leite Ribeiro, 1929.

FERNANDES, Estevão Rafael. Homossexualidades indígenas y descolonialidad: algunas reflexiones a partir de las críticas two-spirit. **Tabula Rasa**, n. 20, jan-jun, p. 135-157, 2014. Disponível em: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1289/1855>. Acesso em: 19 nov. 2023.

GONZÁLEZ-REY, Fernando. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **PEPG: Psicologia da Educação**, n. 24, p. 155-179, 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43267>. Acesso em: 19 nov. 2023.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. SP; Petrópolis, RJ: Unicamp; Vozes, 2012.

JASPERS, Karl. **Filosofia**. Madrid: Universidade de Puerto Rico, 1958.

KRISTEVA, Julia. **Powers of Horror**: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1982.

LIBAULT, André. Tendências atuais da cartografia. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 44, 1967. Disponível em: <https://agb.org.br/publicacoes/index.php/boletimpaulista/article/view/1176/1021>. Acesso em: 10 ago. 2016.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70, 1980.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience**: A philosophical topography. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva,



2012.

MOTT, Luiz. **A inquisição no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 1995.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Manoel Rufino David de. O conceito de abjeção em Julia Kristeva. **Revista Seara Filosófica**, n. 21, p. 185-201, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/19975>. Acesso em: 20 de nov. 2023.

PRECIADO, Paul. B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

PANTOJA, Wallace. **Transamazônica**: geocartografia da (in)existência entrelugares. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade de Brasília, Brasília, 449 f., 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32855>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PONTES, Julia Clara de; SILVA, Cristiane Gonçalves. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. **Revista Periódicus**, n. 1, v. 8, p. 396–417, 2018.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RICOUER, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Campinas: Papyrus, 1994.

SLOTERDIJK, Peter. **Esferas I**: bolhas. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SEDWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, n. 28, 2007, p. 19-54. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

TUAN, Y-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e os valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**. Proclamação libertária para uma militância LGBTQ. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

Recebido em 22 de novembro de 2023.

Aceito em 21 de março de 2024.

Wallace Wagner Rodrigues Pantoja

